

ANAIS DO
VII SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo Prof. *Eurípedes Simões de Paula*

A CIDADE E A HISTÓRIA

VOLUME I

LV
Coleção da *Revista de História*
Sob a direção do Professor
Eurípedes Simões de Paula



SÃO PAULO — BRASIL
1974

BAKU E SUA PRODUÇÃO DE NAFTA (*)

JOUBRAN JAMIL EL-MURR.

da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo.

No decorrer da pesquisa realizada para elaboração da nossa tese de doutoramento (1), muitas foram as cidades que por uma razão ou outra nos chamaram a atenção. Entretanto, decidimo-nos por desenvolver, num pequeno trabalho, a história pouco documentada de Baku (2) por ter sido o núcleo mais antigo e disputado de uma fonte de energia tão fundamental na atualidade — o petróleo.

Na vastíssima bibliografia dos geógrafos árabes as referências ao assunto são relativamente escassas; por outro lado, os frequentes ataques à região da costa ocidental do mar Cáspio provam, de certa forma, a importância do produto na economia da época (3).

Quem pela primeira vez faz menção ao porto de Baku é al-Maqdisi (também conhecido como al-Mokaddasi) (4) dizendo que, na época, apesar da sua excelente localização em comparação a Derbend, não tinha importância alguma. Temos notícias de que por volta de 913 d.C. (5) os russos avançaram até as fontes de nafta

(*) . — Comunicação apresentada na 7ª sessão de estudos, Equipe A, no dia 7 de setembro de 1973 (*Nota da Redação*).

(1) . — MURR (Joubran Jamil El), *Considerações sobre os Geógrafos Árabes a partir de al-Mas'udi*. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 1972.

(2) . — Al-Tabari e Ibn al-Athir não citam nenhuma vez a cidade de Baku.

(3) . — Basta dizer que os russos levaram praticamente mil anos para se apossarem de Baku.

(4) . — MOKADDASI (Al), *Ahsan al-Taqaşim fi Ma'rifat al-Aqalim* (A Melhor Divisão no Conhecimento das Regiões). Leyden, 1906.

(5) . — Cf. MAS'UDI (Al), *Muruj al Dhahab u Ma'aden al-Jauhar* (Pradarias de Ouro e Minas de Pedras Preciosas). Edição de Maynard Pavet de Consteille. Paris, 1927.

de Baku e que mais tarde, ela fez parte do reino de Shirwanshah sendo citada, no século XII, como residência deste príncipe, embora os sirwanshahs estivessem então, como mais tarde, residindo com maior frequência em Chamakhi.

Dentre os geógrafos árabes al-Mas'udi refere-se ao ataque russo nos seguintes termos:

As embarcações russas espalharam-se então nesse mar. Suas frotas lançaram-se contra al-Jil (6), al-Dailam (7), Tabaristan e Abaskun (8), cidade que se localiza no litoral de Jurjan, invadiram a terra da nafta (9) e seguiram em direção do interior de Azerbaidjan (10).”

(6). — MOKADDASI (Al), *op. cit.*, p. 31, situa-se na sexta região das divisões que os geógrafos árabes faziam da terra.

(7). — Trata-se de uma região importante e rica, subdividida por al-Mokaddasi, *op. cit.*, pp. 335-336, em cinco partes: Kaumis, Jurjan, Tabaristan, al-Dailam e al-Khazar. Descrevendo-a diz: “Esta é a região do bicho da seda e da lã, seus trabalhadores são qualificados; possui frutas abundantes; seus trajes de linho são conhecidos no Iraque e no Egito; de águas abundantes; seus preços são bons; respeitam *al-Shariff* (os nobres) e seu comportamento é agradável; (...) ficam à margem deste mar profundo com muito peixe; possuem muitas cidades e aldeias; suas frutas e frutos são saborosos: figos, azeitonas, *atrandi* (uma fruta cítrica, provavelmente a cidra) e outras.

(8). — É um porto a sudoeste do mar Cáspio. Yakut também diz que fazia parte de Jurjan, distando dele, três dias. Al-Istakhri e Ibn Hauqal consideraram-no o maior porto do Cáspio. O próprio mar é às vezes chamado *Bahr* (mar) Abascun. A cidade foi várias vezes atacada pelos russos; segundo Ibn Isfandihar, citado por V. Minorsky, entre 250/70 a H. (864-84 d.C.) e 297 a.H. (909 d.C.); in *Tarikh Tabaristan* (História de Tabaristan). Em 617 a. H. (1.220 d.C.), Khawarizm — Shah 'Ala al-Din, perseguido pelos mongóis, refugia-se numa de suas ilhas, ali falecendo. Segundo Ibn al-Athir, ele possuía em Abaskun um castelo rodeado de água.

(9). — Em *Tanbih* (Aviso), obra escrita muitos anos depois, al-Mas'udi refere-se novamente a Baku, nos seguintes termos: “A beira deste mar (al-Khazar, o Cáspio) acha-se o local denominado Bakuh, donde sai a nafta, no reino de Shirwan, vizinho de Bab-al-Abuad, e donde se carrega nafta branca” (*Biblioteca Geographicorum Arabicorum*, vol. VIII, p. 60).

(10). — Uma terra muito fértil, segundo Kotaiba bin Muslim, citado por al-Maqdisi, *op. cit.*, p. 258. Os árabes também se referiam a ela como terra dos al-Ran. Ibn al-Faqih, *Kitab al-Buldan* (O Livro dos Países), p. 284, menciona Ibn al-Muqaffa' que diz que Azerbaidjan foi conquistada por al-Maghirah bin Shu'bah no ano 22 H., impondo-lhe pagamento de tributos. Diz ter sido informado de que quando os árabes ali chegaram, a décima parte deles, egípcios e damascenos, fixou-se ali, sujeitando o povo e transformando-o em lavradores.

“... (Os russos) atingiam o litoral da região da nafta, conhecida por Baku (11), no reino de Shirwan. Na volta das suas *razzias* os russos se abrigaram em certas ilhas que distam apenas poucas milhas da costa de nafta”.

O mesmo autor, descrevendo o movimento contínuo de embarcações comerciais, às costas do mar de Jurjan entre al-Jil, al-Dailam e as regiões de Atil, diz:

“Outras (embarcações) partem dos mesmos lugares da costa para Baku onde há nafta branca e de outras espécies. Dizem que não há no mundo — só Deus sabe tudo — outro lugar que tenha nafta branca, a não ser no reino de Shirwan. Neste território ocupado por minas de nafta, encontra-se um vulcão ou uma fonte de fogo, cujas erupções nunca cessam e que lançam no ar, durante o tempo todo, jatos incandescentes.

Defronte o litoral deste mar há várias ilhas. Uma delas fica a três milhas de distância do litoral, possui um vulcão enorme que irrompe algumas vezes durante o ano, surgindo daí um imenso fogo que se dirige para os ares, ficando mais impressionante do que qualquer montanha alta; ilumina a maior parte deste mar sendo visível do continente a cerca de 100 *fa'sakh* (12).

Este vulcão assemelha-se aos vulcões de Saqálih... (13).

Pelo que acabamos de citar torna-se evidente que a nafta era um produto de grande importância econômica e comercial. Não só o confirmam as tentativas constantes da Rússia em dominar a região como o comprovam os usos da nafta desde as épocas mais remotas.

Encontramos a palavra nafta já na própria Bíblia, embora de forma ligeiramente diferente, no Segundo Livro dos Macabeus, texto considerado apócrifo:

(11). — Encontram-se várias formas com relação ao vocábulo Baku: Baku, Bakû, Baku, Bakuya e Bakwa. Provavelmente é de etimologia popular persa, significando, local onde o vento se canaliza, região varrida pelo vento.

(12). — *Fársakh* — palavra de origem iraniana, de um dialeto do norte, conforme o prova a forma armênia *hrsakh* e a siríaca *prasakha*, correspondente ao persa *farsang*; medida de extensão que corresponde, aproximadamente, a uma hora de marcha, a passo de cavalo; compõe-se de seis mil *dhira'* (braça) equivalente a seis mil, duzentos e trinta e dois metros e vinte centímetros. O *farsakh* árabe era de 5.762,80 mts., ou seja, três milhas ou doze mil pés. Parece ser uma distância um tanto exagerada.

(13). — A referência certamente corresponde ao vulcão Etna .

1, 19 “Porque, quando nossos pais foram levados cativos para a Pérsia, por sacerdotes, que então eram tementes a Deus, tirando o fogo que estava sobre o altar, esconderam-no secretamente num vale, onde havia um poço profundo e seco, e guardaram-no ali, de sorte que a todos ficasse incógnito o lugar. 20. Ora, tendo se passado muitos anos, foi Deus então servido que Neemias fosse enviado (a Judéia) pelo rei da Pérsia; mandou ele que os netos daqueles sacerdotes, que tinham escondido o fogo, o fossem buscar; porem, não acharam fogo, como eles mesmos no-lo disseram, mas uma água espessa. 21. Então o Sacerdote Neemias mandou que tirassem desta água, e lha trouxessem. Ordenou-lhes que, com a mesma água, se fizessem aspersões sobre os sacrifícios, que estavam preparados; e, sobre a lenha, e sobre o que se achava posto em cima dela. 22. E, logo que isto se fez, e chegou o tempo, em que descobriu o sol, que tinha estado antes nublado, acendeu-se um grande fogo, de maneira que todos ficaram maravilhados. . .

31, E, acabado o sacrifício, ordenou Neemias que o que restava daquela água fosse espalhado pelas pedras maiores (da base do altar). 32. Depois de feito isto, acendeu-se delas uma grande chama, a qual foi absorvida pela luz que resplandeceu do altar. 33. E, logo que isto se divulgou contaram ao rei dos persas, como no lugar onde os sacerdotes, que tinham sido levados cativos, haviam escondido o fogo, se tinha achado uma água, com a qual Neemias, e os que estavam com ele, tinham purificado o sacrifício. 34. E considerando nisto o rei, e examinando com diligência o caso, fez ali um templo, para memória do que tinha acontecido. 35. E, tendo-se assegurado deste prodígio, deu aos sacerdotes muitos bens, e fez-lhes muitos e diversos presentes, que lhes distribuia por sua própria mão. 36. E Neemias chamou este lugar Neftar, que quer dizer Purificação; porem há muitos que lhe chamam Nefi.”

Tomamos a liberdade de aceitar a conclusão de que este líquido espesso, tão valorizado pelo rei dos persas e que se incendiava com grande facilidade, nada mais era do que a própria nafta branca, séculos mais tarde mencionada pelos geógrafos árabes.

Outra referência da Bíblia informa-nos que Deus, falando a Noé, diz:

Gênesis, 6. 14 “Faze para tí, uma arca de madeira alisada. Fáras nela uns pequenos compartimentos, e betumá-la-ás por dentro e por fora”. . . . 22. “Fez pois Noé o que Deus lhe tinha ordenado”.

É evidente que o betume usado por Noé para impermeabilizar sua embarcação nada mais era do que um dos atuais sub-produtos do petróleo.

No fim do século X o petróleo usado no Iraque e no Iran Ocidental provinha de Baku. Na época, o produto era usado sobretudo na técnica bélica. Com o acréscimo do salitre e de outros elementos faziam do petróleo uma mistura inflamável que, em envólucros especiais, era lançada contra o inimiga. Além disto, ao lado da cera que servia para o fabrico das velas para a iluminação de luxo, o petróleo de Baku assegurava a iluminação ordinária no Iran, ao lado do óleo de rícino que a garantia no Egito e na Mesopotâmia.

Baku é mencionada por Abu Dulaf, ainda no século X (14). Diz ele tê-la atingido vindo do sul, encontrando aí uma fonte de petróleo, cuja produção correspondia a mil *dirhams* por dia; segundo ele, havia um outro poço vizinho produzindo petróleo branco que jorrava, incessantemente, dia e noite, e cuja sublocação era também de mil *dirhams*. Estes detalhes são repetidos em vários relatos posteriores, notadamente por Yaqut (15), al-Kazwini (16), e al-Mas'udi, além de outros. Al-Maqdisi estabelece um valor de usufruto diferente, não coincidindo a importância com o relato da maioria.

Ao que tudo indica durante e depois do período mongol, Baku parece ter adquirido maior importância como porto comercial; o mar Cáspio passa a ser chamado, com frequência, de “Mar de Baku”. As fontes desta época, entre tanto, dão-nos notícias insuficientes.

Al-Kazwini, do século XIII, conta-nos que em Baku havia apenas uma cidadezinha dominada por uma fortaleza; lá residia o *buzurgi kashishan* ou “chefe dos padres”.

Abd Al-Bakuwi, do século XV, fala de duas fortalezas; uma no alto, quase completamente destruída no seu tempo, e a outra,

(14). — Abul Dulaf era poeta, filólogo e viajante. Muitos de seus escritos foram preservados em Al Qazwini, Yaqut ibn al-Nadim. É tido como observador de bom senso crítico.

(15). — Yakut era grego, nascido no último quartel do século XIII. Foi vendido pela família a um mercador de Hama. Este criou-o, ensinou-lhe o Islão e introduziu-o no comércio. Dedicou-se sobretudo à venda de livros e redigiu narrativas de suas viagens. Percorreu a Pérsia, a Árabia, a Ásia Menor, o Egito e outros países. Sua obra *Ma'jam al Buldan* (Dicionário dos Países) é uma das melhores da historiografia árabe.

(16). — Al-Kazwini nasceu no Iraque, em 1203. Percorreu a Pérsia, e a Mesopotâmia. Escreveu duas obras: *As maravilhas da criação e Reminiscências dos países e as notícias dos crentes*.

próxima ao mar, considerada extremamente forte, a ponto de não poder ser tomada nem mesmo pelos mongóis. Nesta época temos notícia de que o nível do mar havia se levantado sensivelmente, de modo que boa parte da cidade estava submersa. As redondezas tornaram-se então solidões isoladas; os jardins dos habitantes recuaram para muito mais longe; tudo que era necessário à vida era trazido de Shirwan ou de Muqam.

Alem da nafta, transportada em invólucros de pele de cabra, Baku produzia e exportava sal e seda não manufaturada.

Sabemos que no início do século XV a exploração do petróleo em Baku, constituía-se de duzentos *kharvaros* (17) por dia. Baku assumiu o primeiro lugar em importância de Derbend, tornando-se o principal porto do mar Cáspio, também denominado Báquico.

Nos fins do século XV Moscou estabeleceu relações diplomáticas com o Iran. Restabeleciam-se as antigas relações da Rússia com os países do Cáucaso, do além-Cáucaso e da Ásia Menor. Por volta de 1460, de Moscou a Baku, foi mandado um representante de Ivan III ao Shirwanshah Farouk-Yassar. Em 1466, o Shirwanshah enviou Hassan Bek a Moscou (18).

No início do século XVI Baku foi asediada e tomada pelo Shah Ismail, o fundador do novo reino dos persas: os tesouros de Shirwanshah foram levados embora.

Em 1583 a cidade teve que se entregar aos turcos de Oçman Pasha e permaneceu sob o domínio turco até 1606 quando a soberania persa foi restabelecida. Shah Abbas I fez restaurar as muralhas da cidade, como testemunha uma inscrição de 1609.

Em julho de 1723, após curta resistência, Baku rendeu-se ao general russo Matjuschkin, mas foi restituída aos persas em 1735.

Depois da morte de Nadir Shah, em 1747, os príncipes de Baku ficaram virtualmente independentes. No decorrer da guerra entre russos e persas no Cáucaso, durante os últimos anos do século XVIII e os primeiros do XIX, o príncipe de Baku Husain Khan, aliou-se ora a uma ora a outra potência.

(17). — *Kharvaros* — cargas de burro. Um *kharvar* de Tebriz equivale a 295 kg.

(18). — *História Universal*. Tomo II, Edição Estatal da Literatura Política. Moscou, 1957.

Em 1806 foi preciso entregar as chaves da cidade ao general russo, o príncipe Tzitzianow mas este foi traiçoeiramente assassinado durante seu encontro com o Khan e sua cabeça foi enviada a Tebriz. Quando no outono do mesmo ano o general Bulgakow avançou contra Baku o Khan fugiu para Pérsia. Em consequência desse fato a cidade rendeu-se sem resistência e foi definitivamente anexada ao Império Russo (19).

Na época a exploração das fontes de nafta constituia monopólio dos antigos senhores de Baku que extraíam, segundo uma relação do viajante Gmelin, uma renda anual de quarenta mil rublos. Sob a dominação russa, conseguida depois de quase novecentos anos de tentativas, as fontes foram declaradas domínio da Coroa; foi só em 1872 que a exploração tornou-se livre e as fontes foram vendidas. Nas mãos de particulares, a exploração da nafta tomou rápido impulso e a cidade progrediu imensamente, sobretudo depois de se achar ligada por vias férreas tanto a Batum, no mar Negro, quanto ao interior da Rússia.

Baku hoje é uma próspera cidade com uma população superior a um milhão de habitantes. Sua indústria petrolífera é de primeira ordem, assentada sobre uma das maiores riquezas minerais do século XX.

(19). — SPIRIDONOVA (E.V.), *Política Econômica e Pontos de Vista Econômicos de Pedro I*. Editora Estatal da Literatura Política. Moscou, 1952, pp. 238 — 249.